



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET**

LIANDRA EVELLYN PEREIRA DE LIMA SANTOS

**FEMINISMOS E TRADUÇÃO NO CONTO “*SUBASTA*”, DE
MARÍA FERNANDA AMPUERO**

**Brasília, DF
2025**

LIANDRA EVELLYN PEREIRA DE LIMA SANTOS

**FEMINISMOS E TRADUÇÃO NO CONTO *SUBASTA*, DE MARÍA
FERNANDA AMPUERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução Espanhol.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Lucie de Lannoy.

**Brasília, DF
2025**

Santos, Liandra Evellyn Pereira de Lima

Feminismos e tradução no conto “*Subasta*”, de María Fernanda Ampuero – Brasília, 2025, 41p.

Projeto Final de Curso (bacharelado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2025.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucie Josephe de Lannoy.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Literatura Equatoriana. Feminismo. Análise Crítica.

FEMINISMOS E TRADUÇÃO NO CONTO *SUBASTA*, DE MARÍA FERNANDA AMPUERO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução Espanhol.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Lucie de Lannoy.

Defesa em: 14/02/2025

Prof^ª. Lucie J. de Lannoy
(Orientadora)

Prof^ª. Lily Martínez Evangelista

Prof^ª. Marlova Gonsales Aseff

Brasília, DF
2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por permitir-me dar início ao encerramento de mais um ciclo em minha vida, sendo o trabalho de conclusão de curso um passo importante para a reta final de minha graduação.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Lucie de Lannoy, pelas instruções e apontamentos, bem como pela paciência e carinho.

Aos meus queridos pais que tiveram a oportunidade de me proporcionar uma boa condição de estudo, para assim trilhar da melhor forma possível meus caminhos, com muito amor e sorrisos.

Às minhas amigas e amigos da trajetória e da vida inteira, que estão comigo praticamente todos os dias, me preenchendo de alegria e bons sentimentos.

E, por fim, à Universidade de Brasília e ao corpo docente do curso de Letras-Tradução Espanhol, por serem parte fundamental em minha formação profissional e maturidade pessoal.

A todos vocês, meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho apresenta a escritora e jornalista equatoriana, María Fernanda Ampuero (1976), o seu conto “Leilão” que está inserido na obra *Rinha de Galos* (2021) e foi traduzido ao português por Silvia Massimini Felix. Após leitura atenta do conto e da tradução, escolhemos três trechos para comentá-los tanto do ponto de vista literário, como dos Estudos da tradução, especificamente, tradução feminista, iluminados pelos feminismos decoloniais. De modo geral, buscou-se analisar a tradução do conto de Ampuero sob o viés de algumas teorias da tradução feminista.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Literatura Equatoriana; Feminismo; Análise Crítica.

RESUMEN

Este estudio presenta a la escritora y periodista ecuatoriana, María Fernanda Ampuero (1976) y a su cuento “Subasta”, el cual hace parte del libro *Pelea de gallos* (2021) y fue traducido al portugués por Silvia Massimini Felix. Después de una lectura atenta del cuento y de su traducción, elegimos tres fragmentos del original junto a la traducción para elaborar comentarios que reflejan puntos de vista ya sea de la literatura, como de los estudios de la traducción, más específicamente, traducción feminista, a la luz de los feminismos decoloniales. De manera general, se buscó analizar la traducción del cuento de Ampuero bajo la inclinación de algunas teorías de la traducción feminista.

Palabras clave: Estudios de La Traducción; Literatura Ecuatoriana; Feminismo; Análisis Crítica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. UMA APROXIMAÇÃO ÀS TEORIAS FEMINISTAS DA TRADUÇÃO NA AMÉRICALATINA.....	11
2. APRESENTAÇÃO DA AUTORA, DA OBRA E DA TRADUTORA	
2.1 TRAJETÓRIA DE MARÍA FERNANDA AMPUERO.....	13
3. O CONTO E TRECHOS DA TRADUÇÃO COMENTADOS.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25
ANEXO I.....	27
ANEXO II.....	35

INTRODUÇÃO

Os estudos feministas da tradução na América Latina desenvolveram-se concomitantemente aos Movimentos Feministas ocorridos em meados dos anos 1980. Eles figuram como uma área atual e necessária tanto para contribuir com as lutas feministas na sociedade na qual vivemos, quanto para colaborar com os estudos decoloniais e com os próprios estudos da tradução.

Entre as escritoras feministas latino-americanas contemporâneas, a escolha de María Fernanda Ampuero deve-se ao fato de que ela tem sido traduzida ao português e suas obras circulam no Brasil. As obras de Ampuero que têm tido destaque especial são *Rinha de galos* (2018) e *Sacrificios humanos* (2021). Ambos os títulos apresentam histórias que refletem e denunciam horrores da sociedade, sejam a respeito do coletivo, da sociedade como um todo, ou dos indivíduos em si, da infância e principalmente das mulheres. Sua literatura de exposição e denúncia, somada a sua relevância no cenário literário latino-americano, justificam também a escolha da autora. Além, evidentemente, do fato de ter ganhado bastante visibilidade no cenário literário feminista nos últimos anos. Do livro de contos *Rinha de galos*, do espanhol *Pelea de gallos*, foi extraído o conto “Leilão”, do espanhol *Subasta*, escolhido para ser abordado neste trabalho de pesquisa. Em suma, a escolha deste conto para a nossa pesquisa e reflexão se deve ao fato de tratar-se de uma obra escrita por uma autora hispano-americana contemporânea, cujos escritos permitem a denúncia da opressão, da violência e da misoginia sofrida por mulheres na América Latina, e, conforme sugerem Castro e Spoturno:

A rigorosa seleção de textos relacionados com a ideologia de gênero, tanto em se tratando de textos considerados afins aos feminismos transnacionais quanto de textos opressivos (misóginos, racistas, classistas, cis-heterossexistas e também aqueles concebidos de feminismos hegemônicos), pode ser crucial para um projeto de tradução feminista transnacional¹ (Castro; Spoturno, 2019, p. 28, tradução nossa).

¹ “La selección rigurosa de textos en relación con la ideología de género, tanto si se trata de textos considerados afines a los feminismos transnacionales como de textos opresivos (misóginos, racistas, clasistas, cis-heterossexistas y también aquellos concebidos desde feminismos hegemónicos), puede ser crucial para un proyecto de traducción feminista transnacional”.

Inicialmente, será feita de forma resumida uma aproximação entre as teorias feministas e a tradução na América Latina a partir do artigo de Luciana Carvalho Fonseca, Liliam Ramos da Silva e Dennys Silva-Reis, “Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina” (2020), e do artigo “Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero”, de Rosvitha Friesen Blume, publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020).

Partindo desses pressupostos, será abordada a trajetória da autora María Fernanda Ampuero em sua carreira e em seguida, o conto “Leilão” é apresentado como ponto central de discussão. Pretende-se analisá-lo a partir do ponto de vista literário e da confecção de sua tradução para o português, com a finalidade de elaborar uma leitura comparada do texto fonte para com o texto meta, refletindo características dos Estudos da Tradução feminista. Tratamos brevemente acerca da biografia da tradutora do conto para o português, Silvia Massimini Felix, bem como inserimos no presente trabalho ambas as versões (Anexo I).

1. UMA APROXIMAÇÃO ÀS TEORIAS FEMINISTAS DA TRADUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Como observado em Fonseca, Ramos e Silva-Reis (2020), os estudos da tradução feminista na América Latina se desenvolveram concomitante, em meados de 1980, ao pensamento e aos movimentos feministas. Para um tradutor em formação, debruçar-se com os estudos nessa área significa um modo de ampliar a sua compreensão e atenção a categorias tais como “mulher”, “identidade”, “diferença”, “gênero”, “patriarcado”, “pedagogias”, entre outras, de forma a poder relacioná-las com noções de interseccionalidade, transnacionalismo, decolonialidade e pós-colonialismo. O artigo em questão trata em geral do fazer tradutório feminino, ressaltando que ao longo de toda a história, as mulheres tiveram suas experiências marcadas por resistência na forma de tradução. A autora destaca três áreas afins que comprovam tal afirmação no tocante à colonização, ao catolicismo e ao autoritarismo.

A primeira aborda fatores como a produção da identidade, assim como a política da sua construção; o uso da tradução como mecanismo de denúncia, bem como a não generalização das experiências femininas; a relevância da relação entre patriarcado e capitalismo; e a colonização do ser, do saber, do poder e do gênero. Já a segunda traz noções do tipo “jornada entre extremos” e destaca a visão de Maria, mãe de Jesus, como paradigma de mulher na sociedade. É dito que “na ausência de mães é necessário buscar suas mães simbólicas”, expondo que traduzir é conhecer e dar a conhecer as mulheres latino-americanas (justamente, pela Tradução Feminista). E, “retroalimentado pelo machismo, o marianismo é uma marca experiencial muito forte no cotidiano feminino latino-americano” (Fonseca; Ramos; Silva-Reis, 2020, p. 216). E por fim, a terceira diz respeito à questão das mulheres nos cenários de ditadura e suas diversas manifestações de resistência.

Ponto importante retratado localiza-se na questão da inviabilização das tradutoras ao deparar-se com seus trabalhos, trazendo questionamentos tais como: “a quem serve a teoria do gênero utilizada em substituição à teoria do patriarcado?” (Saffioti, 2015). Tem-se a figura de Catherine Walsh (2013) e Rita Segatto (2018), teóricas do pensamento decolonial e pedagogias, no tocante à coisificação da vida (exploração das mulheres), ao semelhante ou idêntico padrão hierárquico social (contrapedagogias), encerrando com um questionamento que foca “no que viria a ser um horizonte latino-americano da tradução feminista”. Ambas

estudiosas falam sobre metodologias que se constroem na resistência, na oposição, como também na insurgência, na cimarronagem².

O artigo Teoria e Prática numa perspectiva de gênero, de Roswitha Friesen Blumee (2010), publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina, também serviu de base para uma aproximação às teorias feministas dos estudos da tradução. De modo geral, a obra aborda a intersecção entre os estudos da tradução e os estudos de gênero, destacando obras que no passado foram traduzidas por mulheres, ou seja, são de autoria feminina, e a correlação política entre a sociedade e o contexto em que as publicações de tais traduções estão inseridas. Para a autora a definição de tradução feminista vai além de uma mera reprodução artística, sendo esta na verdade uma prática de produção textual, aonde quem traduz é visível e insere-se ativamente no novo texto, colaborando ou até mesmo fazendo as chamadas subversões, a depender do caso, explicitando o processo tradutório. Em linhas gerais aborda-se a tradução e seus papéis sociais, com destaque ao apagamento sofrido pelas tradutoras. É importante destacar a fala de que autoras e tradutoras trabalham juntas em um texto, muito embora surja a partir dessa relação um duplo vínculo, por vezes contraditório (*double blind*)³.

Levando-se em conta o fato de que os feminismos podem contribuir para com os Estudos da Tradução, ao nos referirmos ao contexto hispano-americano, é interessante notarmos em que consiste o feminismo segundo o ponto de vista de uma escritora hispano-americana contemporânea, a exemplo da chilena Isabel Allende (1942 – atualidade), que nos oferece em seu livro “*Mujeres del alma mía*”, o seguinte depoimento:

E em que consiste meu feminismo? Não é o que temos entre as pernas e sim, entre as duas orelhas. É uma postura filosófica e uma sublevação contra a autoridade do homem. É uma maneira de entender as relações humanas e de ver o mundo, uma aposta por justiça, uma luta pela emancipação das mulheres, dos gays, lésbicas, *queer* (LGBTQIA+), todos os oprimidos pelo sistema e os demais que desejem se juntar. *Bem-vindes*, como diriam os jovens de hoje: quanto mais de nós, melhor⁴ (Allende, 2020, p. 20, tradução nossa).

² Do espanhol, *cimarronaje*, é uma expressão que tem raízes afro-latino-americanas e que, no sentido do texto, aponta para uma liberdade, no sentido de assumir um entre-lugar, dialogando com o da diferença e o do estranhamento mais do que com o da domesticação.

³ “Duplo-cego” ou “dupla ocultação”, em tradução livre, compreendemos como o resultado da interação entre escritora e tradutora, o qual expressaria a anulação ou apagamento tanto de uma quanto de outra, bem como a dificuldade de discernir a quem corresponderia, por exemplo, a (co)criação e/ou a autoria.

⁴ “Y en qué consiste mi feminismo? No es lo que tenemos entre las piernas, sino entre las dos orejas. Es una postura filosófica y una sublevación contra la autoridad del hombre. Es una manera de entender las relaciones humanas y de ver el mundo, una apuesta por la justicia, una lucha por la emancipación de mujeres, gays, lesbianas, *queer* (LGT-BIQ+), todos los oprimidos por el sistema y los demás que deseen sumarse. *Bienvenides*, como dirían los jóvenes de hoy: mientras más seamos, mejor”.

2. APRESENTAÇÃO DA AUTORA, DA OBRA E DA TRADUTORA

2.1 TRAJETÓRIA DE MARÍA FERNANDA AMPUERO

María Fernanda Ampuero, nascida em Guayaquil, Equador, em 1976, estudou literatura e se aventurou no jornalismo. A autora tem importante participação e visibilidade internacional, e publicou até o momento dois livros de crônicas: *Lo que aprendí en la peluquería* e *Permiso de residencia*. Pela editora espanhola *Páginas de Espuma* publicou três obras: *Pelea de Gallos* (2018) – Rinha de Galos –, *Sacrificios humanos* (2021) – Sacrifícios humanos – e *Visceral* (2024) – Visceral –, as quais foram traduzidas a vários idiomas, inclusive ao português, tornando-se uma das vozes mais importantes da literatura latino-americana da atualidade. Recebeu o importante prêmio *Joaquín Gallegos Lara* de literatura e consagrou-se entre as 100 latino-americanas mais influentes da Espanha, país para onde migrou e reside desde o ano de 2005 (Enriquez, 2021).

Pelea de gallos é um livro de contos que pertence ao gênero literário do horror, uma narrativa que a partir de diferentes vozes fala sobre o lar (como espaço que constrói ou destrói as pessoas), alude a vínculos familiares e seus segredos, relações de poder, afetos, silêncios, solidariedade e abuso. Em outras palavras, aborda os horrores e as maravilhas que podem ser vivenciadas em uma casa, o espanto e a glória de nossas vidas cotidianas, representando cenários que dizem respeito às experiências e violências ainda vividas pelas mulheres no século XXI (Enriquez, 2021).

A obra é o primeiro livro de María Fernanda Ampuero, no qual ela aborda pessoas inocentes que se corrompem, gente que sofre de amor até adoecer, assim como de solidão e de perdas; pessoas que lutam do seu jeito contra o nítido desassossego do estar vivo (Enriquez, 2021). É interessante a maneira como está escrita, sendo que ao mesmo tempo em que a autora parece aprofundar temas particulares, o faz com um forte apego latino-americano, pois em suas páginas vão sendo perfilados elementos culturais, políticos e sociais que retratam o continente nas suas contradições feitas de extremas diferenças e semelhanças. Para além disso, explora temas profundos e obscuros, abordando questões de violência, identidade e sociedade com uma narrativa impactante. O livro é composto de treze contos, sendo “*Subasta*” o título do primeiro conto, cuja tradução é “Leilão” e será o material textual a ser abordado nas páginas seguintes.

Em entrevista concedida ao periódico *online* “elDiario.es” e elaborada pela jornalista Isabel Navarro, inserida no Anexo II deste documento, María Fernanda Ampuero relata algumas de suas vivências como mulher e imigrante.

Ao falar sobre sua infância e adolescência traz palavras-chave tais como racismo estético, violência do silêncio, perda da inocência e a vida em constante ameaça, assuntos com os quais, infelizmente, as mulheres podem se identificar e são abordados em suas obras.

Sua escrita tem por característica o terror social e o gótico feminista, a exemplo do conto “*Subasta*”, que nos apresenta uma menina atravessada pela violência que cresce com traumas e questões obscuras, além da necessidade de sempre manter-se em alerta, ou em busca de alternativas para estar a salvo do perigo, praticamente todos os dias. Observa-se diretamente a existência da violência do silêncio no conto em questão, a partir do momento em que a pequena criança se vê nos mais diversos cenários de abuso e não possui alguém que a auxilie, ajude e apoie. Ela sofre em silêncio, embora saiba que existe algo de errado com tudo aquilo, enquanto passa a acostumar-se com todas as condições de abuso, até normalizá-las. Sutilmente, podemos interpretar uma nuance autobiográfica de Ampuero em “*Subasta*”, uma vez que a menina, sem identidade inclusive, aparenta dar-se conta de tudo o que lhe ocorreu na infância apenas na fase adulta, quando a memória do local do leilão remete ao rinhadeiro de seu pai.

Temos também questões de caráter político-social abordadas pela artista: a questão do suporte em casos de abuso sexual e o fato de ser uma imigrante latino-americana em um país europeu. Com relação ao último, pode-se observar em Amorim (2015) a importância e presença do papel da tradução - neste caso, mais especificamente no campo da interpretação -, a depender do idioma do país em questão, uma vez que a língua configura-se como um dos tantos alvos de dificuldade dos imigrantes ao redor do mundo.

A interpretação em tribunais e para hospitais, serviços de imigração e serviços públicos, interpretação espontânea, quando um membro mais novo de uma família de imigrantes interpreta para um membro mais velho, todas essas modalidades foram estudadas. [...] a tradução oral incluirá uma grande quantidade de resumos, alterações, explicações, comentários e omissões (Amorim *et al.*, p. 20, 2015).

Encerra com um discurso empoderador, de uma mulher que mesmo diante de suas vivências, experiências, memórias e lembranças buscou (e busca) ser fiel a si mesma, como uma boa mãe de si mesma, descobrindo-se e libertando-se das amarras que por muito

prenderam-na. María Fernanda Ampuero é uma bela escritora, amada e querida senhora dos gatos.

Junto a pequenos excertos do conto serão apresentadas as respectivas traduções, de autoria de Silvia Massimini Felix. Formada em Língua e Literatura Espanhola e Italiana pela Universidade de São Paulo, e mestra em Literatura Espanhola pela mesma, trabalha como tradutora de espanhol e italiano e como preparadora de textos para diversas editoras. Massimini Felix vem se dedicando à tradução de obras de autoras latino-americanas, tais como a compatriota de Ampuero, Mónica Ojeda, e a mexicana Cristina Rivera Garza. A tradutora em sua larga experiência literária relata que, “às vezes não nos damos, ao ler um livro, do intenso trabalho cognitivo, de pesquisa e exploração que é exigido do tradutor ao reescrever um texto” (Silvia Massimini Felix, 2023).

3. O CONTO E TRECHOS DA TRADUÇÃO COMENTADOS

O título do conto analisado é “*Subasta*”, traduzido por “Leilão”, cujo significado, de fato, é leilão. No entanto, foneticamente, o som da palavra *subasta* nos remete à ideia de “basta”, o que nos dá o tom de denúncia e, de certa forma, da necessidade de voz. Isto porque, o modo com que as palavras soam, trazem à baila um aspecto oral que se perde ao traduzir apenas o conteúdo do termo. “Leilão” é a história de um sequestro, seja ele em sentido literal ou metafórico.

Para uma tradutora em formação, o contato com a prática da tradução feminista implica dar atenção a um contexto específico, no qual se reflita sobre a responsabilidade social e ética de uma prática da tradução situada e interseccional. Implica também compreender as funções que a tradução desempenha dentro de projetos de transformação que visam mais consciência e justiça social. Nesse sentido, podemos observar as intervenções que se propõem, de caráter não prescritivo, permitindo avançar para uma maior compreensão da tradução como chave na luta contra diferentes formas de opressão no contexto dos chamados “neoliberalismos” e da promoção do papel da tradução como propulsora de alianças e compromissos nas lutas feministas.

É preciso levar em conta como esses aspectos se inter relacionam, no sentido de desenvolvermos um diálogo crítico entre a prática da tradução e reflexões sobre formas e métodos desse exercício. Pois, por vezes, como dizem ainda Castro e Spoturno, “A tradução de obras feministas consideradas subalternas no seu contexto de produção de origem, pode contribuir a revitalizar os feminismos nos contextos de recepção” (Castro; Spoturno, 2019, p. 29).

O conto se inicia com a personagem não tendo ciência do local em que se encontra, porém reconhecendo no desconhecido a sua infância. Nesse sentido, a autora elabora uma alternância temporal oscilando entre o aqui e o agora, e as memórias do passado. No pequeno excerto abaixo, observamos tal marco temporal ao passo que a personagem resgata memórias de sua infância, evidenciando o horror por meio do contraste entre a ternura da criança e a crueldade de seu pai.

Tabela 1

Texto original	Tradução de Silvia Massimini Felix
En algún lugar hay gallos. Aquí, de rodillas, con la cabeza gacha y cubierta con un trapo inmundo, me concentro en escuchar a los gallos, cuántos son, si están en jaula o en corral. Papá era gallero y, como no tenía con quién dejarme, me llevaba a las peleas. Las primeras veces lloraba al ver al gallito desbaratado sobre la arena y él se reía y decía <i>mujercita</i> .	Em algum lugar perto daqui há galos. De joelhos, com a cabeça baixa e coberta com um trapo imundo, concentro-me em escutar os galos, quantos são, se estão numa gaiola ou no galinheiro. Meu pai criava galos de briga e, como não tinha com quem me deixar, me levava às rinhas. Das primeiras vezes, eu chorava ao ver o galinho desnortado na arena, e ele ria e me chamava <i>mulherzinha</i> .

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na tradução do conto procuramos não propor uma retradução parcial, mas sim tecer comentários acerca da tradução realizada por Silvia Massimini Felix, como por exemplo, a respeito do acréscimo da expressão “perto daqui” por parte da tradutora. Por meio de um diálogo virtual com a tradutora, Silvia nos esclarece que, em português, iniciar um conto apenas com a frase “Em algum lugar há galos”, ficaria muito solto. Observamos, desde um primeiro contato, a importância que tem o leitor para a referida tradutora.

Segundo Horacio Quiroga (1927), o início de um conto é tão decisivo quanto a conclusão. No conto *Subasta* observa-se o risco, ao traduzir a frase inicial, de conseguir ou não a atenção do leitor, por se tratar de uma expressão breve, enigmática e que, mesmo se tratando de uma tradução entre línguas próximas, difere na força de expressão. A frase “*En algún lugar hay gallos*” é utilizada como marco de espacialidade e temporalidade na relação entre o presente e o passado, além de que apresenta um cenário em que metáfora e descrição se confundem, uma vez que uma memória da personagem é resgatada.

Outro traço metafórico seria o fato de colocar a personagem em igual situação a dos galos das rinhas a partir do ponto em que aparentam estarem confusos acerca de onde estão, ressaltando também o fato de ambos serem atravessados pela violência. A intervenção da tradutora ao acrescentar “perto daqui” seria uma espécie de manipulação necessária tanto para que a frase não fique “solta” quanto para preparar o leitor ao que virá a seguir. Pois, o conto começa abordando um sequestro da personagem já adulta que se entrecruza com lembranças de violências sofridas pela mesma, na infância.

Nesse trecho da tradução a presença da metonímia é utilizada, pois explica-se nela a palavra “*gallero*”. Não havendo uma tradução literal para a língua portuguesa ou um nome específico para tal significado, a tradutora optou pela construção “pessoa que criava galos de briga”. No espanhol latino-americano a expressão tem diferentes conotações e significados, podendo ser utilizada como adjetivo ou também estar associada a uma atividade clandestina.

A expressão *mujercita* em ambos os idiomas apresenta a mesma conotação, ao chamá-la de afeminada no sentido negativo, de alguém frágil e desprezível, como também no sentido de opressão, nesse cenário indicado pelo pai que reprime com tal palavra os sentimentos de medo e compaixão sentidos pela sua filha.

No decorrer do conto, e ao longo dos outros trechos analisados nas páginas seguintes, observaremos questões como a normalização da violência somada à questão da clandestinidade e não-denúncia, assim como a vivência de uma situação de abuso na infância, que de certa forma, fez com que a personagem, uma vez adulta, conseguisse “fugir” de um perigo maior.

Tabela 2

Texto original	Tradução de Silvia Massimini Felix
<p>De camino, siempre algún señor gallero me daba un caramelo o una moneda por tocarme o besarme o tocarlo y besarlo. Tenía miedo de que, si se lo decía a papá, volviera a llamarme <i>mujercita</i>.</p> <p>Una noche, a un gallo le explotó la barriga mientras lo llevaba en mis brazos como a una muñeca y descubrí que a esos señores tan machos que gritaban y azuzaban para que un gallo abriera en canal a otro, les daba asco la caca y la sangre y las vísceras del gallo muerto. Así que me llenaba las manos, las rodillas y la cara con esa mezcla y ya no me jodían con besos ni pendejadas. Le decían a mi papá: – Tu hija es una monstrea. [...]</p>	<p>No caminho, algum criador de galo sempre me dava uma bala ou uma moeda para que eu o deixasse me tocar ou beijar, ou que eu o tocasse e beijasse. Eu tinha medo de que, se dissesse isso ao meu pai, ele voltasse a me chamar de <i>mulherzinha</i>.</p> <p>– Vamos lá, não seja tão mulherzinha. São criadores, caralho.</p> <p>Certa noite, a barriga de um galo estourou enquanto eu o carregava nos braços como se fosse uma boneca, e descobri que aqueles homens tão machos que gritavam e atiçavam para que um galo rasgasse o outro de cima a baixo tinham nojo da merda, do sangue e das vísceras do galo morto. Assim, eu passava essa mistura nas mãos, nos joelhos e no rosto, e eles</p>

<p>El olor dentro de una gallera es asqueroso. A veces me quedaba dormida en una esquina, debajo de las graderías, y despertaba con algún hombre de esos mirándome la ropa interior por debajo del uniforme del colegio. Por eso antes de quedarme dormida me metía la cabeza de un gallo en medio de las piernas. Una o muchas. Un cinturón de cabezas de gallitos. Levantar una falda y encontrarse cabecitas arrancadas tampoco gustaba a los machos.</p>	<p>pararam de me importunar com beijos e outras idiotices. Diziam ao meu pai: – Sua filha é um monstro. [...] O cheiro dentro de um rinhadeiro é asqueroso. Às vezes, eu acabava adormecendo num canto, sob as arquibancadas, e despertava com algum daqueles homens olhando para minha calcinha sob o uniforme do colégio. Por isso, antes de adormecer, eu enfiava a cabeça de um galo entre as pernas. Uma ou muitas. Um cinto de cabeças de galinhos. Levantar uma saia e encontrar cabecinhas arrancadas também não agradava aos machos.</p>
--	---

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Por meio do segundo excerto apresentado observa-se o ponto mencionado anteriormente da não-denúncia e normalização da violência sofrida pela protagonista na infância. Tomando-se Heleieth Saffiotti (2015):

A violência praticada por pai e mãe contra a prole pode ser considerada violência de gênero, intrafamiliar e doméstica? Indubitavelmente, sua natureza é familiar. Para quem define a violência doméstica em termos do estabelecimento de um domínio sobre os seres humanos situados no território do patriarca considerado, não resta dúvida de que a hierarquia começa no chefe e termina no mais frágil dos seus filhos, provavelmente filhas (Saffiotti, 2015, p. 77).

Ocorre um acréscimo por parte da tradutora ao adicionar, em sua tradução, uma fala que não existe no texto original. Ao consultá-la, Silvia não comentou o motivo, apenas ressaltou o fato de que, pela tradução ter sido feita há alguns anos atrás, ela não lembraria mais qual o motivo de cada escolha de tradução. Porém, a preocupação com o leitor se revelou ser uma constante no seu trabalho. De certa forma, a existência desse acréscimo promove maior imersão do leitor na história, sendo uma alteração estilística que soma à narrativa, inclusive ao retomar o tom de repreensão da fala já utilizada anteriormente pelo pai.

Observa-se que, apesar de ainda criança, a filha subconscientemente sabe que de certa forma há algo de errado com o suposto trabalho do pai; que este não é correto, não é uma boa profissão (embora até mesmo o título de “profissão” seja contestável, tomando-se em conta o fato de ser uma atividade ilegal). O mesmo ocorre com toda a violência sofrida pela menina, pois sabe que o pavor, o medo e a repulsa sentidos nas variadas cenas apresentadas no excerto acima não são corretas. Apesar de criança, entende que não deveria estar passando por tais situações e tampouco necessitando buscar soluções das mais grotescas possíveis para se defender do que lhe atinge. Logo, tem-se aqui a normalização da violência e a questão da clandestinidade e não denúncia, uma vez que, inserida naquele ambiente, ela está sujeita a uma série de violações, inclusive contra a sua própria integridade física e psicológica, porém sem suporte ou apoio algum para reportar tais transgressões.

No grupo domiciliar e na família não impera necessariamente a harmonia, porquanto estão presentes, com frequência, a competição, a trapaça e a violência. Há, entretanto, uma ideologia de defesa da família, que chega a impedir a denúncia, por parte de mães, de abusos sexuais perpetrados por pais contra seus (suas) próprios(as) filhos(as), para não mencionar a tolerância, durante anos seguidos, de violências físicas e sexuais contra si mesmas (Saffiotti, 2015, p. 78).

A partir do fragmento acima somos introduzidos de maneira mais intensificada ao gênero literário do horror, vertente ou ramificação do terror. Diferencia-se por acentuar o aspecto horripilante de uma maneira chocante, com o intuito de causar repulsa, angústia e até mesmo nojo. Percebe-se que tais características marcantes são utilizadas pela personagem do conto como um mecanismo de defesa por parte da personagem principal, uma vez que para defender-se das violências sofridas, ela recorre ao repulsivo, ao nojento, ao “monstruoso”. Trazendo tal prática do conto para a realidade, tem-se o infeliz exemplo do caso da Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, entre os anos de 1930 e 1950, onde as mulheres grávidas passavam fezes em suas barrigas para não serem violadas, e, quando nascidos os bebês, também o faziam para que não os maltratassem (Daniela Arbex, 2013).

Com a insinuação de que partindo das práticas de se enfeitar com cabeças de galos e fezes a protagonista seria, inclusive, um “monstro”, levanta-se a questão sobre a doçura feminina. O comportamento socialmente esperado das mulheres, moças e meninas é o de um feminino estereotipado, logo, a existência desse padrão de não-feminilidade gera um choque nos homens e leitores (ainda que seja uma forma encontrada pela personagem para se defender daquilo que a viola, a machuca e a assusta). Uma observação interessante é ressaltar

que a personagem não possui nome próprio, o que revela esse sentimento de coisificação, o de sentir-se sem existência própria, não sendo ninguém, o que pode ser interpretado como um mecanismo de denúncia de até que ponto a violência apaga a personagem, lhe impede de ter vida digna, de se identificar como sujeito.

Tabela 3

Texto original	Tradução de Silvia Massimini Felix
<p>Sé que aquí, en algún lado, hay gallos, porque reconocería ese olor a miles de kilómetros. El olor de mi vida, el olor de mi padre. Huele a sangre, a hombre, a caca, a licor barato, a sudor agrio y a grasa industrial. No hay que ser muy inteligente para saber que este es un sitio clandestino, un lugar refundido quién sabe dónde, y que estoy muy pero muy jodida.</p>	<p>Sei que em algum lugar perto daqui há galos, pois eu reconheceria esse cheiro a milhares de quilômetros. O cheiro de minha vida, o cheiro de meu pai. Cheira a sangue, a homem, a sujeira, a bebida barata, a suor acre e a graxa industrial. Não é preciso ser muito inteligente para saber que este é um lugar clandestino, um local perdido no meio do nada, e que eu estou muito, mas muito fodida.</p>

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Importante destacar novamente a repetição da frase inicial do conto, sendo que a partir deste trecho o leitor é transportado para o presente. Observa-se também, como fator que agrega, o tempo verbal que se passa a utilizar, uma vez situados agora no tempo presente.

No lugar de traduzir “caca” por “merda”, a tradutora escolheu traduzir por “sujeira”, devido, provavelmente, ao contexto na frase e à ambiguidade do termo em português, o qual, além de significar excremento, indica um palavrão. Retomando Castro e Spoturno (2019):

“Traduzir como (uma) mulher” implica pensar o discurso da tradução feminista em um espaço no limiar e intermediário, o qual, por estar sempre marcado por diversas fronteiras, obriga à desnaturalização das categorias

patriarcais e à construção de novos sentidos (Castro; Spoturno, 2019, p. 21).

Este fragmento que fala do cheiro da vida que perpassa a história da personagem, denuncia laços familiares atravessados pela brutalidade e a perversão. O espaço familiar deveria servir para dar segurança e amparo, mas, resulta no lugar no qual acontecem violências abafadas que acabam se mostrando nas cicatrizes que acompanham a vida fora do lar. Vemos, assim, o corpo exposto à vulnerabilidade.

Como é possível observar ainda no trecho anterior, a personagem foi chamada de “*monstruo*”, um exemplo de como a violência parece ter um papel na inversão do discurso, pois, na prática é a criança quem está exposta a monstros.

O contexto do conto não se limita apenas ao Equador, pois, esse ambiente é representativo do que acontece em toda a América Latina, onde há terríveis desigualdades sociais e de gênero. Constatamos uma vida cotidiana perpassada por uma violência generalizada e ameaçada por relações de poder que são reproduzidas no lar.

A escritora, ao elaborar essas experiências, desenvolve uma estética literária capaz de relacionar a beleza com a crueldade, marcando uma diferença na denúncia da violência de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se iniciou, como podemos observar, por meio de uma breve aproximação às teorias feministas, ao modo de escrever e traduzir de escritoras e tradutoras hispano-americanas contemporâneas, representadas pela contista equatoriana María Fernanda Ampuero e a tradutora brasileira Silvia Massimini Felix.

Os estudos feministas da tradução figuram como uma área atual e necessária tanto para contribuir com as lutas feministas na sociedade na qual vivemos, quanto para colaborar com os estudos decoloniais e com os próprios estudos da tradução. Tais estudos da tradução feminista na América Latina se desenvolveram concomitante, em meados de 1980, ao pensamento e aos movimentos feministas. Para um tradutor em formação, debruçar-se com os estudos nessa área significa um modo de ampliar a sua compreensão e atenção a categorias tais como “mulher”, “identidade”, “diferença”, “gênero”, “patriarcado”, “pedagogias”, entre outras, de forma a poder relacioná-las com noções de interseccionalidade, transnacionalismo, decolonialidade e pós-colonialismo (Fonseca; Ramos; Silva-Reis, 2020).

Ponto importante retratado localiza-se na questão da inviabilização das tradutoras ao deparar-se com seus trabalhos, trazendo questionamentos tais como: “a quem serve a teoria do gênero utilizada em substituição à teoria do patriarcado?” (Saffioti, 2015).

Rosvitha Friesen Blumee (2010), em seu artigo Teoria e Prática numa perspectiva de gênero, publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina, aborda a intersecção entre os estudos da tradução e os estudos de gênero, destacando obras que no passado foram traduzidas por mulheres, ou seja, são de autoria feminina, e a correlação política entre a sociedade e o contexto em que as publicações de tais traduções estão inseridas. Para a autora a definição de tradução feminista vai além de uma mera reprodução artística, sendo esta na verdade uma prática de produção textual, aonde quem traduz é visível e insere-se ativamente no novo texto.

A prática tradutória comporta saberes que se relacionam com determinada visão de mundo, ideologia e perspectiva teórica, de forma sistematizada ou não e mais ou menos conscientemente ou não. Neste trabalho, desde um espaço de reflexão, tentamos perceber as relações que ocorreram entre as leituras do original e da tradução, vinculando informações sobre a escritora e a tradutora à observação da língua e da cultura. Levou-se em consideração um olhar à perspectiva do gênero literário do horror e da tradução feminista, compreendidos como necessários à denúncia da opressão feminina sofrida na América Latina e inovadores na

colaboração Sul-Sul da circulação de obras de escritoras contemporâneas hispano-americanas, como Fernanda Ampuero. Em certa medida, essas reflexões tiveram um papel crucial para a pesquisa e foram decisivas para revelar, também, os interesses da tradutora em formação na sua procura por ampliar sua visão sobre o fazer do tradutor literário e dos estudos da tradução.

A trajetória de María Fernanda Ampuero é também a de uma migrante, pois além de já ter morado no México, atualmente reside na Espanha, como é o caso de muitas mulheres latino-americanas. O conto, como podemos observar por meio da entrevista, tem aspectos autobiográficos e a tradução sofre intervenções da tradutora, por exemplo: ora por meio de acréscimos, ora por omissões. As mesmas foram consideradas como formas de afirmar uma escrita colaborativa, no sentido de ampliar o alcance da denúncia da opressão, das lutas por direitos e do compromisso com os feminismos decoloniais.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. **Mujeres del alma mía**. 3. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2020.

AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade (orgs.). **Tradução e perspectivas teóricas e práticas**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP digital, 2015. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2025.

AMPUERO, María Fernanda. **Pelea de gallos**. Madrid: Páginas de Espuma, 2018.

_____, **Rinha de galos**. Tradução: Silvia Massimini Felix. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2013.

AUDRE, Lorde *et al.* Organização Heloisa Buarque de Holanda. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

BLUMEE FRIESEN, Rosvitha. Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero. **Fragmentos**, v. 21, n. 2, 2010. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29656>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura. Tradução: Maria Barbara Florez Valdez; Beatriz R. G. Barboza. **Feminismos e Tradução: Apontamentos conceituais e metodológicos para os Estudos Feministas Transnacionais da Tradução**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, SC, v. 42, p. 01-59, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/81122>. Acesso em: 22 jan. 2025.

ENRIQUEZ, Mariana. Editora Moinhos – María Fernanda Ampuero, Rinha de Galos. 2021. Disponível em: <https://editoramoinhos.com.br/autor/maria-fernanda-ampuero/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

FONSECA, Luciana Carvalho; SILVA, Liliam Ramos da; SILVA-REIS, Denny. (2020). Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. *Mutatis Mutandis*. **Revista Latinoamericana de Traducción**, 13(2), 210-227. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/mutatismutandis/article/view/343437/20803720.v13n2a01>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GRUPO AUTÊNTICA. **Silvia Massimini Felix**, 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/autenticaeditora/p/CyRb6pevKng/?img_index=1. Acesso em: 1 fev. 2025.

NAVARRO, Isabel. **María Fernanda Ampuero, escritora**: “Cuando somos niñas nos quitan los superpoderes con espejos”. Disponível em: <https://www.eldiario.es/cultura/libros/maria->

fernanda-ampuero-escritora-ninas-quitan-superpoderes-espejos_1_11315631.html. Acesso em: 13 nov. 2024.

PAREDES, Roberto. **Algunos Dilemas en Torno Al Transhumanismo, y Su Diferencia Con El Posthumanismo**. Scribd, UCSF – Universidad Católica de Santa Fe, 18 nov. 2024. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/793936171/Algunos-Dilemas-en-Torno-Al-Transhumanismo-y-Su-Diferencia-Con-El-Posthumanismo-UCSF-Universidad-Catolica-de-Santa-Fe>. Acesso em: 22 jan. 2024.

QUIROGA, Horacio. **El decálogo del perfecto cuentista**. 1927. Disponível em: https://www.ingenieria.unam.mx/dcsyhfi/material_didactico/Literatura_Hispanoamericana_Contemporanea/Autores_Q/QUIROGA/Manual.pdf. Acesso em: 22 jan. 2025.

SAFFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. Disponível em: https://fpabramo.org.br/editora/wp-content/uploads/sites/17/2021/10/genero_web.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

SÁNCHEZ, Patricia Alvarez. **Congreso Feminismos Interseccionalidad Traducción**. Scribd, 8 nov. 2024. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/789672738/Congreso-Feminismos-Interseccionalidad-Traduccion>. Acesso em: 22 jan. 2024.

TORRES, Marie Hélène. A pouca visibilidade das escritoras brasileiras traduzidas na França no século XX. *In: Cadernos de Tradução*, n. 19. PGET – UFSC, jan. 2007.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias; Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ANEXO I

<i>Pelea de gallos, por María Fernanda Ampuero (2018)</i>	Rinha de galos, tradução de Silvia Massimini Felix (2021)
<i>Subasta</i>	Leilão
<p>En algún lugar hay gallos. Aquí, de rodillas, con la cabeza gacha y cubierta con un trapo inmundo, me concentro en escuchar a los gallos, cuántos son, si están en jaula o en corral. Papá era gallero y, como no tenía con quién dejarme, me llevaba a las peleas. Las primeras veces lloraba al ver al gallito desbaratado sobre la arena y él se reía y decía <i>mujercita</i>. Por la noche, gallos gigantes, vampiros, devoraban mis tripas, gritaba y él venía a mi cama y me volvía a decir <i>mujercita</i>.</p> <p>– Ya, no seas tan mujercita. Son gallos, carajo.</p> <p>Después ya no lloraba al ver las tripas calientes del gallo perdedor mezclándose con el polvo. Yo era quien recogía esa bola de plumas y vísceras y la llevaba al contenedor de la basura. Yo les decía: adiós gallito, sé feliz en el cielo donde hay miles de gusanos y campo y maíz y familias que aman a los gallitos. De camino, siempre algún señor gallero me daba un caramelo o una moneda por tocarme o besarme o tocarlo y besarlo. Tenía miedo de que, si se lo decía a papá, volviera a llamarme <i>mujercita</i>. Una noche, a un gallo le explotó la barriga mientras lo llevaba en mis brazos como a una muñeca y descubrí que a esos señores tan machos que gritaban y azuzaban para que un gallo abriera en canal a otro, les daba asco la caca y la sangre y las vísceras del gallo muerto. Así que me llenaba las manos, las rodillas y la cara con esa mezcla y ya no me jodían con besos ni</p>	<p>Em algum lugar perto daqui há galos. De joelhos, com a cabeça baixa e coberta com um trapo imundo, concentro-me em escutar os galos, quantos são, se estão numa gaiola ou no galinheiro. Meu pai criava galos de briga e, como não tinha com quem me deixar, me levava às rinhas. Das primeiras vezes, eu chorava ao ver o galinho desnorreado na arena, e ele ria e me chamava <i>mulherzinha</i>. À noite, galos gigantes, vampiros, devoravam minhas tripas, eu gritava, e ele vinha à minha cama e voltava a me chamar de <i>mulherzinha</i>.</p> <p>– Vamos lá, não seja tão mulherzinha. São galos, caralho.</p> <p>Depois eu já não chorava ao ver as tripas quentes do galo perdedor se misturando ao pó. Era eu quem recolhia aquela bola de penas e vísceras e a levava à lata de lixo. Eu lhes dizia: adeus, galinho, seja feliz no céu onde há milhares de minhocas e campo e milho e famílias que amam os galinhos. No caminho, algum criador de galo sempre me dava uma bala ou uma moeda para que eu o deixasse me tocar ou beijar, ou que eu o tocasse e beijasse. Eu tinha medo de que, se dissesse isso ao meu pai, ele voltasse a me chamar de <i>mulherzinha</i>.</p> <p>– Vamos lá, não seja tão mulherzinha. São criadores, caralho.</p> <p>Certa noite, a barriga de um galo estourou enquanto eu o carregava nos braços como se fosse uma boneca, e descobri que aqueles homens tão machos que gritavam e atiçavam para que um galo rasgasse o outro de cima a baixo tinham nojo da merda, do sangue e das vísceras do galo morto. Assim, eu</p>

<p>pendejadas. Le decían a mi papá: – Tu hija es una monstrua. Y él respondía que más monstruos eran ellos y después les chocaba los vasitos de licor. – Más monstruo vos. Salud. El olor dentro de una gallera es asqueroso. A veces me quedaba dormida en una esquina, debajo de las graderías, y despertaba con algún hombre de esos mirándome la ropa interior por debajo del uniforme del colegio. Por eso antes de quedarme dormida me metía la cabeza de un gallo en medio de las piernas. Una o muchas. Un cinturón de cabezas de gallitos. Levantar una falda y encontrarse cabecitas arrancadas tampoco gustaba a los machos. A veces, papá me despertaba para que tirara a la basura otro gallo despanzurrado. A veces, iba él mismo y los amigos le decían que para qué mierda tenía a la muchacha, que si era un maricón. Él se iba con el gallo descuajaringado chorreando sangre. Desde la puerta les tiraba un beso. Los amigos se reían. Sé que aquí, en algún lado, hay gallos, porque reconocería ese olor a miles de kilómetros. El olor de mi vida, el olor de mi padre. Huele a sangre, a hombre, a caca, a licor barato, a sudor agrio y a grasa industrial. No hay que ser muy inteligente para saber que este es un sitio clandestino, un lugar refundido quién sabe dónde, y que estoy muy pero muy jodida. Había un hombre. Tendrá unos cuarenta años. Lo imagino gordo, calvo y sucio, con camiseta blanca sin mangas, <i>short</i> y chancletas plásticas, le imagino las uñas del meñique y del pulgar largas. Habla en plural. Aquí hay alguien más que yo. Aquí hay más gente de rodillas, con la cabeza gacha, cubierta por esta asquerosa tela oscura. – A ver, nos vamos tranquilizando,</p>	<p>passava essa mistura nas mãos, nos joelhos e no rosto, e eles pararam de me importunar com beijos e outras idiotices. Diziam ao meu pai: – Sua filha é um monstro. E ele respondia que mais monstros eram eles, e depois brindavam tilintando seus copinhos de bebida. – Mais monstro é você. Saúde. O cheiro dentro de um rinhadeiro é asqueroso. Às vezes, eu acabava adormecendo num canto, sob as arquibancadas, e despertava com algum daqueles homens olhando para minha calcinha sob o uniforme do colégio. Por isso, antes de adormecer, eu enfiava a cabeça de um gallo entre as pernas. Uma ou muitas. Um cinto de cabeças de galinhos. Levantar uma saia e encontrar cabecinhas arrancadas também não agradava aos machos. Às vezes, meu pai me acordava para que eu limpasse a sujeira de outro gallo destripado. Às vezes, ele mesmo ia e os amigos lhe perguntavam para que merda servia a menina, se ele era um veado. Ele ia embora com o gallo desventrado jorrando sangue. Da porta, soprava-lhes um beijo. Os amigos riam. Sei que em algum lugar perto daqui há galos, pois eu reconheceria esse cheiro a milhares de quilômetros. O cheiro de minha vida, o cheiro de meu pai. Cheira a sangue, a homem, a sujeira, a bebida barata, a suor acre e a graxa industrial. Não é preciso ser muito inteligente para saber que este é um lugar clandestino, um local perdido no meio do nada, e que eu estou muito, mas muito fodida. Um homem está falando. Deve ter uns quarenta anos. Eu o imagino gordo, careca e sujo, com camiseta regata branca, shorts e chinelos de borracha, imagino as unhas do mindinho e do polegar compridas. Fala no plural. Aqui há mais pessoas além de mim. Aqui há mais gente de joelhos, com a cabeça baixa, coberta por esse asqueroso pano escuro.</p>
--	--

<p>que al primer <i>hijueputa</i> que haga un solo ruido le meto un tiro en la cabeza. Si todos colaboramos, todos salimos de esta noche enteros.</p> <p>Siento su panza contra mi cabeza y luego el cañón de la pistola. No, no bromea.</p> <p>Una chica llora unos metros a mi derecha. Supongo que no ha soportado sentir la pistola en la sien. Se escucha una bofetada.</p> <p>– A ver, reina. Aquí no me llora nadie, ¿me oyó? ¿o ya está apurada por irse a saludar a diosito?</p> <p>Luego, el gordo de la pistola se aleja un poco. Ha ido a hablar por teléfono. Dice un número: <i>seis, seis malparidos</i>. Dice también <i>muy buena selección, buenísima, la mejor en meses</i>. Recomienda no perdérsela. Hace una llamada tras otra. Se olvida, por un rato, de nosotros.</p> <p>A mi lado escucho una tos ahogada por la tela, una tos de hombre.</p> <p>– He oído de esto – dice él, muy bajito. – Pensé que era mentira, leyenda. Se llaman subastas. Los taxistas eligen pasajeros que creen que pueden servir para que den buena plata por ellos y para eso los secuestran. Luego los compradores vienen y pujan por sus preferidos o preferidas. Se los llevan. Se quedan con sus cosas, los obligan a robar, a abrirles sus casas, a darles sus números de tarjeta de crédito. Y a las mujeres. A las mujeres.</p> <p>– ¿Qué? – le digo.</p> <p>Escucha que soy mujer. Se queda callado.</p> <p>Lo primero que pensé cuando me subí al taxi esa noche fue <i>por fin</i>. Apoyé mi cabeza en el asiento y cerré los ojos. Había bebido unas cuantas copas y estaba tristísima. En el bar estaba el hombre por el que tenía que fingir amistad. A él y a su mujer. Siempre finjo, soy buena fingiendo. Pero cuando me subí al taxi exhalé y me</p>	<p>– É isso aí, vamos nos acalmando, que o primeiro filho da puta que fizer um barulhinho, eu meto um tiro na cabeça. Se todos colaborarem, todos vão sair inteiros daqui esta noite.</p> <p>Sinto sua barriga contra a minha cabeça e depois o cano da pistola. Não, não está brincando.</p> <p>Uma garota chora alguns metros à minha direita. Acho que não suportou sentir a pistola na têmpora. Escuta-se uma bofetada.</p> <p>– É isso aí, rainha. Aqui ninguém chora, você escutou? Ou já está com pressa pra ir cumprimentar papai do céu?</p> <p>Depois, o gordo da pistola se afasta um pouco. Foi falar ao telefone. Diz um número: <i>seis, seis infelizes</i>. Diz também, <i>seleção muito boa, boa demais, a melhor em meses</i>. Diz que é imperdível. Faz uma ligação atrás de outra. Por um instante, ele se esquece de nós.</p> <p>Ao meu lado, escuto uma tosse abafada pelo pano, uma tosse de homem.</p> <p>– Ouvi falar disso – ele diz, bem baixinho. – Pensei que era mentira, uma lenda. Chamam-se leilões. Os taxistas escolhem passageiros que acreditam que possam render um bom dinheiro e para isso os sequestram. Depois os compradores vêm e escolhem seus preferidos ou preferidas. E os levam embora. Ficam com suas coisas, obrigam-nos a roubar, a abrir suas casas para eles, a dar-lhes seu número de cartão de crédito. E as mulheres. As mulheres.</p> <p>– O quê? – pergunto.</p> <p>Ele percebe que sou mulher. Fica calado. A primeira coisa que eu pensei quando entrei no taxi esta noite foi <i>finalmente</i>. Apoiei a cabeça no banco e fechei os olhos. Tinha bebido algumas taças e estava muito triste. No bar, havia encontrado o homem pelo qual eu tinha que fingir amizade. Ele e a mulher dele. Sempre finjo, sou boa fingindo. Mas quando entrei no táxi, suspirei e disse a mim mesma <i>que alívio, vou para casa</i>,</p>
---	--

dije *qué alivio: voy a casa, a llorar a gritos*. Creo que me quedé dormida un momento y, de repente, al abrir los ojos, estaba en una ciudad desconocida. Un polígono. Vacío. Oscuridad. La alerta que hace hervir el cerebro: se te acaba de joder la vida.

El taxista sacó una pistola, me miró a los ojos, dijo con una amabilidad ridícula:

– Llegamos a su destino, señorita.

Lo que siguió fue rápido. Alguien abrió la puerta antes de que yo pudiera poner el seguro, me echó el trapo sobre la cabeza, me ató las manos y me metió en esa especie de garaje con olor a gallera podrida y me obligó a arrodillarme en una esquina.

Se escuchaban conversaciones. El gordo y alguien más y luego otro y otro. Llega gente. Se escuchan risas y destapar cervezas. Empieza a oler a maría y alguna otra de esas mierdas con olor picante. El hombre que está a mi lado hace rato que ya no me dice que esté tranquila. Se lo debe estar diciendo a sí mismo.

Mencionó antes que tenía un bebé de ocho meses y niño de tres. Estará pensando en ellos. Y en estos tipos drogados entrando en la urbanización privada en la que vive. Sí, está pensando en eso. En él saludando al guardia de seguridad como todas las noches desde que su carro está en el taller, mientras esas bestias van atrás, agachados. Él los va a meter en su casa donde está su hermosa mujer, su bebé de ocho meses y su niño de tres años. Él los va a meter a su casa.

Y no hay nada que pueda hacer al respecto.

Más allá, a la derecha, se escuchan murmullos, una chica que llora, no sé si la misma que ha llorado antes. El gordo dispara y todos nos tiramos al suelo como podemos. No nos ha disparado, ha disparado. Da igual, el terror nos ha cortado en dos mitades.

para me acabar de chorar. Acho que adormeci por um momento e, de repente, ao abrir os olhos, estava numa cidade desconhecida. Um polígono. Vazio. Escuridão. O alerta que faz o cérebro ferver: sua vida acabou de entrar pelo cano.

O taxista sacou uma arma, olhou nos meus olhos, disse com uma amabilidade ridícula:

– Chegamos ao seu destino, senhorita.

O que aconteceu em seguida foi rápido. Alguém abriu a porta antes que eu pudesse trancá-la, enfiou um saco na minha cabeça, amarrou minhas mãos e me enfiou nessa espécie de garagem com cheiro de rinhadeiro podre, obrigando-me a ficar ajoelhada num canto.

Escutam-se conversas. O gordo e mais alguém, e depois outro e outro. Chega gente. Ouvem-se risos e cervejas sendo abertas. O cheiro de maconha começa a se espalhar, e alguma outra dessas merdas com cheiro ácido. O homem que está ao meu lado faz tempo que já não me diz para ficar tranquila. Deve estar falando isso a si mesmo.

Antes, ele havia mencionado que tinha um bebê de oito meses e um menino de três. Deve estar pensando neles. E nesses sujeitos drogados entrando no condomínio fechado em que ele mora. Sim, deve estar pensando isso. Nele cumprimentando o vigia noturno, como faz todas as noites desde que seu carro está na oficina, enquanto aqueles animais estão no banco de trás, agachados. Ele vai enfiá-los em sua casa, onde está sua bela mulher, seu bebê de oito meses e seu menino de três anos. Ele vai leva-lo para dentro de sua casa.

E não há nada que ele possa fazer quanto a isso.

Mais à frente, à direita, ouvem-se murmúrios, uma garota chora, não sei se é a mesma que chorou antes. O gordo atira e todos nós nos jogamos no chão, como podemos. Não atirou em nós, só atirou. Dá na mesma, o terror nos

<p>Se escucha la risa del gordo y sus compañeros. Se acercan, nos mueven al centro de la sala.</p> <p>– Bueno, señores, señoras, queda abierta la subasta de esta noche. Bien bonitos, bien portaditos, se me van a poner aquí. Más acá, mi reina. Eeeso. Sin miedo, mami, que no muerdo. Así me gusta. Para que estos caballeros elijan a cuál de ustedes se van a llevar. Las reglas, caballeros, las de siempre: más plata se lleva la mejor prenda. Las armas me las dejan por aquí mientras dure la subasta, yo se las guardo. Gracias. Encantado, como siempre, de recibirlos.</p> <p>El gordo nos va presentando como si dirigiera un programa de televisión. No podemos verlos, pero sabemos que hay ladrones mirándonos, eligiéndonos. Y violadores. Seguro que hay violadores. Y asesinos. Tal vez hay asesinos. O algo peor.</p> <p>– Daaaaaamas y caballeeeeeeros.</p> <p>Al gordo no le gustan los que llorisquean ni los que dicen que tienen niños ni los que gritan a la desesperada <i>no sabés con quién te estás metiendo</i>. No. Menos le gustan los que amenazan con que se va a pudrir en la cárcel. Todos esos, mujeres y hombres, ya han recibido puñetazos en la barriga. He escuchando gente caer al suelo sin aire. Yo me concentro en los gallos. Tal vez no hay ninguno. Pero yo los escucho. Dentro de mí. Gallos y hombres. <i>Ya, no seas tan mujercita, son galleros, carajo</i>.</p> <p>– Este señor, ¿cómo se llama nuestro primer participante? ¿Cómo? Hable fuerte, amigo. Ricardoooooo, bienvenidoooooooooo, lleva un reloj de marca y unos zapatos Adidas de los bueeeenos. Ricardooooo ha de tener plaaaaaataaaaaa. A ver la cartera de Ricardo. Tarjetas de crédito. Ohhhhhh, Visa Gooooold de Messi.</p> <p>El gordo hace chistes malos.</p> <p>Empiezan a pujar por Ricardo. Uno</p>	<p>transpassou. Escuta-se a risada do gordo e de seus companheiros. Eles se aproximam, levam-nos para o centro da sala.</p> <p>– Bem, senhores, senhoras, está aberto o leilão desta noite. Bem lindos, bem comportadinhos, vocês vão ficar aqui. Mais para cá, minha rainha. Iiiiisso. Sem medo, linda, que eu não mordo. Assim está bom. Esses cavalheiros vão escolher qual de vocês vão levar. As regras, cavalheiros, são as de sempre: quem dá mais dinheiro leva a melhor mercadoria. As armas, deixem aqui enquanto o leilão durar, eu vou guarda-las. Obrigado. Como sempre, é um prazer receber vocês.</p> <p>O gordo vai nos apresentando como se dirigisse um programa de televisão. Não podemos vê-los, mas sabemos que há ladrões nos olhando, escolhendo-nos. E estupradores. Com certeza há estupradores. E assassinos. Talvez haja assassinos. Ou alguma coisa pior.</p> <p>– Daaaaaamas e cavalheeeeeiros.</p> <p>O gordo não gosta dos que choramingam nem dos que dizem que têm filhos nem dos que gritam desesperados <i> você não sabe com quem está se metendo</i>. Não. Gosta menos ainda dos que ameaçam dizendo que ele vai apodrecer na cadeia. Todos esses, mulheres e homens, já receberam pontapés na barriga. Escutei pessoas caindo no chão, sem ar. Eu me concentro nos galos. Talvez não exista nenhum galo. Mas eu os escuto. Dentro de mim. Galos e homens. <i>Vamos lá, não seja tão mulherzinha, são criadores, caralho</i>.</p> <p>– Esse senhor, como se chama nosso primeiro participante? Como? Fale alto, amigo. Ricardoooooo, bem vindoooooooooo, tem um relógio de marca e tênis Adidas dos boooons. Ricardoooooo deve ter dinheiroooooooooo. Vamos ver a carteira do Ricardo. Cartões de crédito, ohhhhhh, Visa Gooooold.</p> <p>O gordo faz piadas ruins.</p> <p>Começam a dar lances por Ricardo. Um</p>
--	--

<p>ofrece trescientos, otro ochocientos. El gordo añade que Ricardo vive en una urbanización privada en las afueras de la ciudad: Vistas del Río.</p> <p>– Allá donde no podemos ni asomarnos los pobres. Allá vive el amigo Riqui. Sí le puedo decir Riqui, ¿no? Como Riqui Rincón.</p> <p>Una voz aterradora dice cinco mil. La voz aterradora se lleva a Ricardo. Los otros aplauden.</p> <p>– ¡Adjudicado al caballero de bigote por cinco mil!</p> <p>A Nancy, una chica que habla con un hilito de voz, el gordo la toca. Lo sé porque dice <i>miren qué tetas, qué ricas, qué paraditas, qué pezoncitos</i> y se sorbe la baba y esas cosas no se dicen sin tocar y, además, qué le impide tocar, quién. Nancy suena joven. Veintipocos. Podría ser enfermera o educadora. A Nancy el gordo la desnuda. Escuchamos que abre su cinturón y que abre los botones y que le arranca la ropa interior, aunque ella dice <i>por favor</i> tantas veces y con tanto miedo que todos mojamos nuestros trapos inmundos con lágrimas. Miren este culito. Ay, qué cosita. El gordo sorbe a Nancy, el ano de Nancy. Se escuchan lengüeteos. Los hombres azuzan, rugen, aplauden. Luego el embestir carne contra carne. Y los aullidos. Los aullidos.</p> <p>– Caballeros, esto no es por vicio. Es control de calidad. Le doy un diez. Ahí la limpian bien bonito y una delicia nuestra amiguita Nancy.</p> <p>Debe ser hermosa porque ofrecen, de inmediato, dos mil, tres, tres quinientos. Venden a Nancy en tres quinientos. El sexo es más barato que la plata.</p> <p>– Y el afortunado que se lleva este culito rico es el caballero del anillo de oro y el crucifijo.</p> <p>Nos van vendiendo uno a uno. Al chico que estaba a mi lado, el del bebé de ocho meses y el niño de tres, el</p>	<p>oferece trezentos, outro oitocentos. O gordo acrescenta que Ricardo vive num condomínio fechado longe da cidade: Vistas do Rio.</p> <p>– Ali onde nós, os pobretões, não podemos nem chegar perto. Ali é que mora o amigo Riquinho. Posso te chamar de Riquinho, não posso? Como o Riquinho Rico.</p> <p>Uma voz horripilante diz cinco mil. A voz horripilante leva Ricardo. Os outros aplaudem.</p> <p>-Vendido ao cavalheiro de bigode por cinco mil!</p> <p>Nancy, uma garota que fala com um fio de voz, é tocada pelo gordo. Sei disso porque ele diz <i>olhem que tetas, que lindas, que durinhas, que biquinhos</i> e faz som de chupada, e essas coisas não são ditas sem tocar, e além disso, o que o impede de tocá-la, quem? Nancy parece jovem. Vinte e poucos. Talvez seja enfermeira ou professora. O gordo tira a roupa de Nancy. Escutamos que abre seu cinto e os botões e que arranca sua roupa íntima, embora ela diga <i>por favor</i> tantas vezes e com tanto medo que todos encharcamos nossos trapos imundos com lágrimas. Olhem esse cuzinho. Ai, que coisinha. O gordo chupa Nancy, o ânus de Nancy. Escutam-se lambidelas. Os homens atijam, rugem, aplaudem. Depois, o investir de carne contra carne. E os urros. Os urros.</p> <p>– Cavalheiros, não faço isso por depravação. É controle de qualidade. Dou um dez para ela. É só dar um trato nela e nossa amiguinha Nancy fica uma delícia.</p> <p>Deve ser linda porque oferecem, na hora, dois mil, três, três e quinientos. Vendem Nancy por três e quinientos. O sexo é mais barato que o dinheiro.</p> <p>– E o sortudo que leva esse cuzinho delicioso é o cavalheiro do anel de ouro e do crucifixo.</p> <p>Vão nos vendendo um por um. Do sujeito que estava ao meu lado, o do bebê de oito meses e o menino de três, o</p>
---	---

<p>gordo ha logrado sacarle toda la información posible y ahora es un pez gordísimo para la subasta: plata en diferentes cuentas, alto ejecutivo, hijo de un empresario, obras de arte, hijos, mujer. El tipo es la lotería. Seguramente, lo secuestrarán y pedirán un rescate. La puja empieza en cinco mil. Sube hasta diez, quince mil. Se para en veinte. Alguien con quien nadie se quiere meter ha ofrecido los veinte. Una voz nueva. Ha venido solo para esto. No estaba para perder tiempo en pendejadas.</p> <p>El gordo no hace ningún comentario. Cuando me toca a mí, pienso en los gallos. Cierro los ojos y abro mis esfínteres. Es lo más importante que haré en mi vida, así que lo haré bien. Me baño las piernas, los pies, el suelo. Estoy en el centro de una sala, rodeada por delincuentes, exhibida ante ellos como una res y como una res vacío mi vientre. Como puedo, froto una pierna contra la otra, adopto la posición de una muñeca destripada. Grito como una loca. Agito la cabeza, mascullo obscenidades, palabras inventadas, las cosas que les decía a los gallos del cielo con maíz y gusanos infinitos. Sé que el gordo está a punto de dispararme.</p> <p>En cambio, me revienta la boca de un manazo, me parto la lengua de un mordisco. La sangre empieza a caer por mi pecho, a bajar por mi estómago, a mezclarse con la mierda y la orina. Empiezo a reír enajenada, a reír, a reír, a reír.</p> <p>– ¿Cuánto dan por este monstruo?</p> <p>Nadie quiere dar nada.</p> <p>El gordo ofrece mi reloj, mi teléfono, mi cartera. Todo es barato, chino. Me coge las tetas para ver si la cosa se anima y chillo.</p> <p>– ¿Quince, veinte?</p> <p>Pero nada, nadie.</p> <p>Me tiran a un patio. Me bañan con una manguera de lavar carros y luego me</p>	<p>gordo conseguiu tirar toda informação possível e agora ele é um peixe muito graúdo para o leilão: dinheiro em várias contas, alto executivo, filho de um empresário, obras de arte, filhos, mulher. O cara é o bilhete premiado. Com certeza vão sequestrá-lo e pedir um resgate. Os lances começam em cinco mil. Sobem até dez, quinze mil. Vão até vinte. Alguém com quem ninguém quer se meter ofereceu os vinte. Uma voz nova. Veio apenas para isso. Não estava ali para perder tempo com bobagens.</p> <p>O gordo não faz nenhum comentário. Quando chega minha vez, penso nos galos. Fecho os olhos e abro os esfínteres. Isso é a coisa mais importante que vou fazer na vida, então vou fazê-la bem. Encharco minhas pernas, os pés, o chão. Estou no centro de uma sala, rodeada por delinquentes, exibida diante deles como gado, e como gado esvazio meu ventre. Como posso, esfrego uma perna contra a outra, adoto a posição de uma boneca estripada. Grito como louca. Agito a cabeça, balbucio obscenidades, palavras inventadas, as coisas que eu dizia aos galos, do céu com milho e minhocas infinitas. Sei que o gordo está a ponto de atirar em mim.</p> <p>Em vez disso, arrebenta minha boca com um tapa, minha língua se divide em duas com uma mordida. O sangue começa a me cair pelo peito, a descer por minha barriga, a se misturar com a merda e a urina. Começo a rir, desvairada, a rir, a rir, a rir.</p> <p>O gordo não sabe o que fazer.</p> <p>– Quanto dão por este monstro?</p> <p>Ninguém quer dar nada.</p> <p>O gordo oferece meu relógio, meu celular, minha carteira. Tudo é barato, falsificado. Pega em meus seios para ver se a coisa se anima e eu guincho.</p> <p>– Quinze, vinte?</p> <p>Mas nada, ninguém.</p> <p>Jogam-me num pátio. Encharcam-me com uma mangueira de lavar automóveis e depois me enfiam num carro que me</p>
--	---

suben a un carro que me deja mojada, descalza, aturdida, en la Vía Perimetral.	deixa toda molhada, descalça, aturdida, na rodovia Perimetral.
--	--

ANEXO II

Entrevista a María Fernanda Ampuero, em espanhol (original - elDiario.es)	Entrevista a María Fernanda Ampuero, em português (versão - tradução nossa)
<p>María Fernanda Ampuero, escritora: “Cuando somos niñas nos quitan los superpoderes con espejos”.</p> <p>La autora ecuatoriana publica ‘Visceral’, un conjunto de ensayos autobiográficos escritos con impudor, ferocidad y aliento poético, sobre la salud mental y las violencias ejercidas contra la mujer desde su infancia.</p> <p>María Fernanda Ampuero (Guayaquil, Ecuador, 1976) escribe historias que dan asco y horror. Su decir incomoda y daña. Sus niñas “comen abismos”. En sus escenas, sostenidas siempre por un lenguaje lírico de metáforas salvajes, no esquiva lo escatológico ni lo putrefacto. Sus escenarios son subastas humanas, cementerios de pobres, un centro comercial donde se suicida “una gorda”. Sin embargo, ella misma de cerca parece conjurar toda esa oscuridad con una ligereza desarmante: “De adolescente me decían que parecía emo, pero mi estilo es más bien el de Elton John. Soy como una urraca o una drag queen, si veo lentejuelas las quiero todas”.</p> <p>Y así es como se performa María Fernanda Ampuero en la conversación: simpática, divertida, de cariño instantáneo y júbilo ruidoso. Solo que en realidad, si te has leído Visceral, su último libro, ya te ha avisado por escrito de que toda esa alegría es un simulacro y lo que en realidad supura hacia adentro es una herida de depresión, dismorfia y rechazo con la que lidia gracias a los psicofármacos y, sobre todo, a la literatura. “No sé si la persona extrovertida que socializa y hace chistes</p>	<p>María Fernanda Ampuero, escritora: “Quando somos meninas tiram os nossos superpoderes com espelhos”.</p> <p>A autora equatoriana publica ‘Visceral’, um conjunto de ensaios autobiográficos escritos com impudor, ferocidade e fôlego poético, sobre a saúde mental e as violências exercidas contra a mulher desde a infância.</p> <p>María Fernanda Ampuero (Guayaquil, Equador, 1976) escreve histórias que causam repulsa e horror. Seu discurso incomoda e machuca. Suas meninas “comem abismos”. Em suas cenas, sempre sustentadas por uma linguagem lírica de metáforas selvagens, ela não evita o escatológico nem o putrefato. Seus cenários são leilões humanos, cemitérios de pobres, um centro comercial onde se suicida “uma gorda”. No entanto, ela mesma, de perto, parece conjurar toda essa escuridão com uma leveza desarmante: “Na adolescência, diziam que eu parecia emo, mas meu estilo é mais próximo ao de Elton John. Sou como um pavão ou uma <i>drag queen</i>, se vejo lentejoulas, quero todas”.</p> <p>E é assim que María Fernanda Ampuero se apresenta na conversa: simpática, divertida, de carinho instantâneo e alegria estrondante. Só que, na verdade, se você leu Visceral, seu último livro, já foi avisado por escrito de que toda essa alegria é uma simulação e o que realmente transborda para dentro é uma ferida de depressão, dismorfia e rejeição, com as quais lida graças aos psicofármacos e,</p>

soy yo o una coreografía a la que estoy acostumbrada desde niña”, escribe en el ensayo “Cabezas”, incluido en *Visceral*.

Sus libros de cuentos, *Pelea de gallos* (2018) y *Sacrificios humanos* (2021) ambos publicados por Páginas de Espuma, traducidos al inglés, italiano, chino y griego, han sido celebrados por crítica y público y la han situado como uno de los referentes de la literatura latinoamericana actual en la corriente del terror social y el gótico feminista donde también brillan Mariana Enríquez y su compatriota Mónica Ojeda. Pero *Visceral* no es ficción, es un desnudo integral. Una colección de ensayos autobiográficos, que bordean la crónica, donde María Fernanda Ampuero se levanta la costra de la herida y la comparte, y se comparte, con impudor, ferocidad y aliento poético.

Los temas que atraviesan su nuevo libro, *Visceral*, son la enfermedad mental, el trauma, los abusos sexuales, la adolescencia, la no maternidad y la migración. Pero absolutamente todos pasan por el cuerpo como campo de batalla. En el texto *Mórbida*, uno de los más impactantes y crudos del libro, se define a sí misma como “Pantagruela bebé” o dice que su madre “no parió con dolor sino con grasa”. ¿Qué significa para usted el concepto de “gorda”?

No ser adecuada. No ser atractiva. No ser. Estar siempre en pausa esperando ese futuro en el que ya no vas a ser gorda.

En el libro cifra todo ese horror en la infancia como un proceso violento de pérdida de la fe en una misma. Un maltrato que es familiar pero también social.

Sí, porque a las niñas nos quitan los superpoderes con espejos. Hubo un tiempo en que hubiera podido ser presidenta de la República si me hubiera dado la gana. O sea, mi hermano decía: “¿A que no te lanzas del trampolín de esta la piscina?”. Y yo iba cagada de

sobretudo, à literatura. “Não sei se a pessoa extrovertida que socializa e faz piadas sou eu ou uma coreografia a qual estou acostumada desde criança”, escreve ela no ensaio “*Cabezas*”, incluído em *Visceral*.

Seus livros de contos, *Pelea de gallos* (2018) e *Sacrificios humanos* (2021), ambos publicados pela editora Páginas de Espuma, traduzidos para o inglês, italiano, chinês e grego, foram celebrados pela crítica e pelo público, e situaram a escritora como uma das referências da literatura latino-americana atual, na corrente do terror social e do gótico feminista, onde também brilham Mariana Enríquez e sua compatriota Mónica Ojeda. Mas *Visceral* não é ficção, é um desnudo integral. Uma coleção de ensaios autobiográficos, que tangenciam a crônica, onde María Fernanda Ampuero expõe as feridas e as compartilha, com os já ditos impudor, ferocidade e fôlego poético.

Os temas que são atravessados por seu novo livro, *Visceral*, são a doença mental, o trauma, os abusos sexuais, a adolescência, a não maternidade e a migração. Mas absolutamente todos passam pelo corpo como um campo de batalha. No texto *Mórbida*, um dos mais impactantes e crus do livro, ela se define como um “Bebê gigantesco” ou diz que sua mãe “não pariu com dor, mas com gordura”. O que significa para você o conceito de “gorda”?

Não ser adequada. Não ser atraente. Não ser. Estar sempre em pausa, esperando aquele futuro em que você não será mais gorda.

No livro, ela cifra todo esse horror da infância como um processo violento de perda da fé em si mesma. Um maltrato que é familiar, mas também social.

Sim, porque tiram os superpoderes das meninas com espelhos. Houve um tempo

miedo, pero lo hacía, porque sabía que era mil veces más valiente que él. Hasta que me dijeron eres gorda, con lo cual no eres nada, y empequeñecí.

Cuenta en el libro que incluso le daban anfetetas y tés purgantes desde muy pequeña.

Los tés me destrozaron la flora intestinal. Las anfetetas eran por el día y por la noche somníferos para quitarme el hambre con sueño. En otra época las inyecciones del doctor Miranda. O sea, todos los horrores imaginables. En la adolescencia a los varones les aplauden que se coman una barra de pan entera. Están en la edad del crecimiento, dicen. Y nosotras tenemos que contentarnos con tres almendras a media tarde. Que, además de desnutrirnos, es como negarnos la posibilidad de pensar que somos más que el cuerpo bonito, el cuerpo deseable, el cuerpo atractivo para alguien. Y luego estaba el azote verbal. Las hermanas de mi abuela no podían ser más malas. Eran como un aquelarre horrible todo el día diciéndome que no comiera o nadie me iba a querer. Yo tenía una prima blanquita, con el pelo liso y delgada, y éramos como la bella y la bestia para ellas. Porque ojito al racismo estético. Ella tenía genes asiáticos y salió muy pequeñita y de pelo liso, pero a mí me ponían el pelo tirante para atrás, con una trenza, para disimular que el mío es pelo de negra.

En el libro cuenta también que sufrió de niña abusos sexuales, una confesión que da sentido al clima de amenaza siniestra de muchos de sus cuentos en *Sacrificios humanos* y *Pelea de gallos*, donde las niñas viven en una constante amenaza y el tema de la pérdida de la inocencia también es crucial.

Algo que afortunadamente te ocurre al crecer es que acabas siendo un poco madre de tí misma. Yo ahora con mis fotos de niña y adolescente lo que veo es a una criatura hermosísima a la que quisiera poder abrazar y decirle: “No seas

em que eu poderia ser presidente da República se quisesse. Quer dizer, meu irmão dizia: “Duvido que você pule do trampolim da piscina”. E eu ia morrendo de medo, mas fazia, porque sabia que era mil vezes mais corajosa que ele. Até que me disseram que eu era gorda, o que significa que você não é nada, e eu me diminuí.

Ela conta no livro que, inclusive, lhe davam anfetaminas e chás purgantes desde muito pequena.

Os chás destruíram minha flora intestinal. As anfetaminas eram para o dia e, à noite, soníferos para tirar a fome com o sono. Em outra época, as injeções do doutor Miranda. Ou seja, todos os horrores imagináveis. Na adolescência, os meninos eram aplaudidos por comer uma baguete inteira. Dizem que estão em fase de crescimento. E nós temos que nos contentar com três amêndoas à tarde. Além de nos desnutrir, é como negar a possibilidade de pensar que somos mais do que um corpo bonito, um corpo desejável, um corpo atraente para alguém. E ainda tinha o castigo verbal. As irmãs da minha avó não podiam ser mais cruéis. Eram como bruxas, com os horríveis comentários, o dia todo dizendo para que eu não comesse ou ninguém iria me querer. Eu tinha uma prima branquinha, de cabelo liso e magra, e para elas éramos como a Bela e a Fera. Porque, atenção, ao racismo estético. Ela tinha genes asiáticos e saiu pequenininha e de cabelo liso, mas eu usava o cabelo preso e com trança para disfarçar que o meu é cabelo de negra.

No livro, ela também conta que sofreu abusos sexuais na infância, uma confissão que dá sentido ao clima de ameaça sinistra de muitos dos seus contos em *Sacrificios humanos* e *Pelea de gallos*, onde as meninas vivem em constante ameaça e o tema da perda da inocência também é

boba, eres preciosa”. Me muero de la ternura cuando la veo y también cuando pienso que era súper pero superinocente... No tienes ni tu cuerpo desarrollado ni tu mente para entender lo que es la sexualidad o lo que es el deseo y llega otro y te marca para toda la vida. Pero más violento que el acto en sí fue el hecho que mi madre y mi abuela me pidieran que no le dijera nada a mi padre. Lo dice Cristina Fallarás en su cuenta de Instagram, lo peor es la violencia del silencio. ¡Y qué solas estábamos! Tanto que yo no me di cuenta hasta pasados los 40 de que aquello habían sido abusos.

¿Y qué se decía a sí misma? ¿Cómo se lo contaba?

Como no había habido genitalidad, no era abuso. Si no hay penetración no hay sexo, me decía, así que fue una tontería, no fue nada. Mejor olvídalo. Pero es que luego pasados 40 años me vuelve a pasar.

Lo cuenta en el ensayo Grita.

Esta vez es en España, esta vez soy adulta; pero vuelvo a vivir una violación y hasta le digo gracias cuando me bajo del coche. O sea, el tipo casi me mata y yo le di las gracias y no denuncié. Yo que me he leído todo, yo que me he leído a *Despentes*, yo que soy feminista y lo sé todo del #cuéntalo... Yo sabía todo y no fui a la comisaría a denunciar a este tipo porque sabía que me iban a preguntar: “¿Cómo lo conoció?”. Por Tinder. “¿La forzó a subirse al coche?”. No “¿La forzó a meterse al hotel?”. No. “¿Cómo iba vestida?”.

No se atrevió a denunciar porque el proceso es atroz y sabía que el sistema no la iba a ayudar.

Ni la policía ni nadie. De hecho, estoy segura de que mucha gente, pese a que sienta tristeza cuando lea esto, también pensará “¡pero mira que es boba! ¿Cómo va a subirse a un coche con un desconocido? Si parecía lista”. Pero yo lo hice porque soy una mujer deseante. Porque quería. Porque soy una persona sexual. Además, yo, en ese momento

crucial.

Algo que felizmente acontece ao crescer é que você acaba se tornando um pouco mãe de si mesma. Agora, ao ver minhas fotos de criança e adolescente, vejo uma criatura lindíssima a quem gostaria de poder abraçar e dizer: “Não seja boba, você é linda”. Eu morro de ternura quando a vejo e também quando penso que era super, mas superinocente... Você não tem nem seu corpo desenvolvido nem a mente para entender o que é sexualidade ou o que é o desejo, e então vem alguém e marca você para o resto da vida. Mas mais violento que o ato em si foi o fato de minha mãe e minha avó me pedirem para não contar nada ao meu pai. Como diz Cristina Fallarás em sua conta do Instagram: o pior é a violência do silêncio. E como estávamos sozinhas! Tanto que só percebi aos 40 anos que aquilo tudo tinham sido abusos.

E o que dizia a si mesma? Como contava para si?

Como não havia genitalidade, não era abuso. Se não há penetração, não há sexo, eu dizia, então foi uma bobagem, não foi nada. Melhor esquecer. Mas depois de 40 anos, isso voltou a acontecer.

Conta ao ensaio “Grita”:

Essa vez foi na Espanha, dessa vez sou adulta; mas volto a viver um estupro e até agradeço ao sair do carro. Quer dizer, o cara quase me mata e eu agradei e não denunciei. Eu, que já li de tudo, que já li *Despentes*, que sou feminista e sei tudo sobre o #conta... Eu sabia de tudo e não fui à delegacia denunciar esse homem porque sabia que iam me perguntar: “Como você o conheceu?”. Pelo Tinder. “Ele a forçou a entrar no carro?”. Não. “Ele a forçou a ir para o hotel?”. Não. “Como você estava vestida?”.

cargaba unos duelos horribles y quería pasar un buen rato. ¿Y sabes lo peor? Y esto no lo escribí. Aquel día hacía muchísimo calor y me acuerdo haberme levantado después de que casi me asfixia completamente roja. Me vi en el espejo, se me había corrido el rímel, tenía el pelo hecho mierda y recuerdo haber pensado: “¿Cómo no te iba a hacer eso si eres espantosa, si eres grotesca? Eres una gorda con el rímel corrido que parece un monstruo”. Lo digo y me asusto al decirlo, pero yo sé que no soy la única.

¿Por qué dejó Ecuador para emigrar a España?

Migré a los 27 años porque estaba harta de que me compadecieran todos los días. Dejé mi país teniendo un trabajazo, daba el noticiario principal de la mañana y trabajaba en la revista dominical del periódico más importante de Guayaquil. O sea, yo estaba en un momento profesional buenísimo y me vine a España a repartir tarjetas telefónicas en los locutorios. En Ecuador era viejísima a los 27 años. Me decían: ‘Esta se quedó percherona’. Hay tantos eufemismos horribles en la cultura para humillar a una mujer soltera. Y yo dije: “No, no, no. ¿Por qué voy a dar lástima si yo me pagué la carrera porque mi papá dijo que no se iba a gastar dinero en que una mujer estudiase literatura? ¿Por qué voy a dar lástima si ayer entrevisté al presidente?”. Me pasó como en la canción de Mecano: “Este cuarto es muy pequeño para las cosas que sueño”. Me ahogaba y me fui.

¿Encontró lo que buscaba?

España me dio mucha libertad para ser y hacer lo que me diera la gana. La primera compañera de piso que tuve, que era una chica gorda y que usaba minifalda y minishorts me cambió la visión del mundo y de mí misma, de lo que podía o no podía hacer. Aquí también hay presión sobre las mujeres, porque la hay en todas partes, pero no es comparable con lo de Guayaquil. Las españolas comen, beben,

Ela não se atreveu a denunciar porque o processo é atroz e sabia que o sistema não ia ajudá-la.

Nem a polícia, nem ninguém. De fato, tenho certeza de que muitas pessoas, embora sintam tristeza ao ler isso, também vão pensar: “mas que boba! Como vai entrar no carro com um desconhecido? Parecia esperta”. Mas eu fiz isso porque sou uma mulher desejanete. Porque eu queria. Porque sou uma pessoa sexual. Além disso, naquele momento, eu estava carregando uns lutos horríveis e queria passar um bom momento. E sabe o que é pior? E isso eu não escrevi. Naquele dia estava um calor imenso e eu lembro de ter me levantado depois de quase ser completamente asfixiada, vermelha. Me vi no espelho, o rímel tinha escorrido, o cabelo estava uma bagunça, e eu me lembro de ter pensado: “Como não fariam isso com você se é horrível, se é grotesca? Você é uma gorda com o rímel escorrido que parece um monstro”. Digo isso e me assusto ao dizer, mas sei que não sou a única.

Por que deixou o Equador para emigrar para a Espanha?

Emigrei aos 27 anos porque estava cansada de ser compadecida todos os dias. Deixei meu país com um grande emprego, apresentava o noticiário principal da manhã e trabalhava na revista dominical do jornal mais importante de Guayaquil. Quer dizer, eu estava em um momento profissional excelente e vim para a Espanha para vender cartões telefônicos em locutórios. No Equador, eu já era considerada velha aos 27 anos. Diziam: “Essa aí ficou encalhada”. Existem tantos eufemismos horríveis na cultura para humilhar uma mulher solteira. E eu disse: “Não, não, não. Por que vou dar pena se paguei meus estudos porque meu pai disse que não ia gastar dinheiro para uma mulher estudar literatura? Por que vou dar pena se ontem

son gozadoras, o al menos las amigas que a mí me tocaron. Ahora las cosas también han cambiado un poco allá. El feminismo ha cambiado cosas, el movimiento LGTBI ha cambiado cosas, son supervalientes. Nosotros no hacíamos ni día del Orgullo, ni 8 de marzo ni nada. Y ahora salen todos estos chiquillos y chiquillas a llenar la ciudad a pesar de la policía, a pesar de los alcaldes de derechas, a pesar de todo.

¿Y cómo trata España a los inmigrantes?
Mal. Yo me preocuparía de que con mis impuestos se paguen los Centros de Internamiento de Extranjeros. Me preocuparía que sean peor que cárceles, hacinadas y con falta de higiene, lugares donde la prensa no puede entrar y que las ONG tienen que pedir permisos muy difíciles de conseguir. Es mucho más fácil entrar de visita a Alcalá-Meco que a un CIE y las personas que están allí dentro solo han cometido delitos administrativos. Es una vergüenza.

En *Visceral* dice que es un libro nace de la furia. ¿Es una furia acumulada o hay una gota que colmó el vaso?

Yo creo que fue la menopausia la que colmó el vaso, que es una cosa bien interesante que no me esperaba. Te han contado todo lo malo. Estás sudando mientras la gente está fresca y dices. “¿Qué me pasa?”. Te pones histérica, después quieres llorar, después no quieres ver a nadie. Después te enfurruñas, después tienes antojos como si estuvieras premenstrual constantemente, te salen granos y te cambia el cuerpo. Te sale panza cuando no tuviste, te salen pelos en... O sea, mira, un horror. Pero yo quiero defender la menopausia como un superpoder, porque este enfurruñamiento hace que no aguantes mierda. O sea, ya no. No, no, no. Por ejemplo, a mí nunca me ha gustado irme de fiesta. Lo hacía porque todo el mundo lo hacía y era lo que se esperaba. Pero no me gusta, así que ya no. Me voy feliz a mi casa y al día

entrevistei o presidente?”. Aconteceu comigo como na música do Mecano: “Esse quarto é muito pequeno para os meus sonhos”. Eu me sufocava e fui embora.

Encontrou o que procurava?

A Espanha me deu muita liberdade para ser e fazer o que eu quisesse. A primeira colega de quarto que tive, que era uma mulher gorda e usava minissaia e shorts curtos, mudou minha visão do mundo e de mim mesma, do que eu podia ou não fazer. Aqui também há pressão sobre as mulheres, porque há em toda parte, mas nem se compara com Guayaquil. As espanholas comem, bebem, são aproveitadoras, ou pelo menos as amigas que tive. Agora as coisas também mudaram um pouco lá. O feminismo mudou algumas coisas, o movimento LGBTI mudou algumas coisas, são supercorajosos. Nós não fazíamos Dia do Orgulho, nem 8 de março, nem nada. E agora saem todos esses jovens para encher a cidade apesar da polícia, apesar dos prefeitos de direita, apesar de tudo.

E como a Espanha trata os imigrantes?

Mal. Eu me preocuparia que meus impostos fossem para pagar os Centros de Internamento de Estrangeiros. Eu me preocuparia que fossem piores que prisões, lotados e com falta de higiene, lugares onde a imprensa não pode entrar e que as ONGs têm que pedir permissões muito difíceis de conseguir. É muito mais fácil visitar Alcalá-Meco do que um CIE e as pessoas que estão ali dentro só cometeram delitos administrativos. É uma vergonha.

Em “Visceral” você diz que é um livro que nasce da fúria. É uma fúria acumulada ou houve uma gota que fez o copo transbordar?

Acho que foi a menopausa que fez o copo transbordar, que é uma coisa bem

siguiente no tengo resaca. Ahora por fin me siento una orgullosa señora de los gatos. [Risas]

interessante que eu não esperava. Disseram-lhe tudo o que há de ruim. Você está suando enquanto as pessoas estão frescas e você pensa: “O que está acontecendo comigo?”. Fica histérica, depois quer chorar, depois não quer ver ninguém. Depois fica irritada, depois tem desejos como se estivesse constantemente na TPM, surgem espinhas e seu corpo muda. A barriga aparece quando você não tinha, pelos aparecem em... Quer dizer, um horror. Mas eu quero defender a menopausa como um superpoder, porque essa irritação faz com que você não tolere mais nenhuma besteira. Quer dizer, já chega. Não, não, não. Por exemplo, nunca gostei de sair para festas. Fazia isso porque todo mundo fazia e era o que se esperava. Mas eu não gosto, então já não faço mais. Vou feliz para casa e no dia seguinte não estou de ressaca. Agora, finalmente, me sinto uma orgulhosa senhora dos gatos. [Risos]